

**CUIDADO! TEM LOMSOMEM AÍ! UMA PROPOSTA DE RESGATE
PATRIMONIAL ATRAVÉS DA ETNOGRAFIA DE LENDAS, MITOS E
CAUSOS EM COMUNIDADE ASSENTADA.**

Thauana Paiva de Souza Gomes¹

Chegada ao tema e os caminhos metodológicos

O interesse em propor o tema de pesquisa, aqui apresentado, relativo aos saberes não oficiais, está ligado a uma trajetória particular de pesquisa em assentamentos rurais associada ao Nupedor — Núcleo de Estudos e Documentação Rural.

A chegada ao tema foi um desenrolar de estudos ligados às questões subjetivas do cotidiano dos assentamentos de Araraquara: o Monte Alegre e o Bela Vista. O primeiro desses estudos — projeto financiado pelo CNPq² — em que realizou-se um trabalho como pesquisadora foi: *Poder Local e assentamentos Rurais: expressões de conflito acomodação e resistência*. Nele desenvolvemos uma relação íntima com as questões de sociabilidade expressas; sobretudo no estudo detalhado da festa junina do assentamento Bela Vista, que ofereceu subsídios à análise das relações cotidianas e simbólicas dos assentamentos de Araraquara.

Naquele primeiro trabalho, acompanhamos o processo da realização da festa junina que era promovida pelos assentados do Bela Vista do Chibarro, que reconheciam na festa um período de esquecimentos dos conflitos e recomposição dos laços afetivos. Esse acompanhamento nos fez buscar elementos pouco estudados pela literatura sobre assentamentos. As questões simbólicas que se fazem presentes nas mais diversas relações e nos espaços do assentamento, afloraram no ato festivo.

Com as observações continuadas de campo e o desenrolar da pesquisa percebemos que o lazer era uma grande demanda não apenas para aquele assentamento, mas, para a maior parte dos assentados e, a festa, nesses locais, torna-se uma elevação do espírito comunitário, na medida em que a realização impele os assentados a se reunirem para fazer a decoração, os alimentos e a organização do evento todo.

Essa experiência de pesquisa foi um grande laboratório de observação, registro e “catalogação” de informações que não apareciam nas inúmeras leituras realizadas ao

¹ Cientista Social, Pedagoga e Mestre em Educação escolar pela UNESP. Pesquisadora NUPEDOR/UNIARA e professora da UNISEB.

² Todos estes projetos são coordenados pela professora Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante, que à frente do NUPEDOR tem nos ajudado no processo de formação como pesquisadores.

longo de minha formação; a literatura convencional sobre assentamentos parecia não se importar diretamente com estas questões, o que na minha experiência particular levou a questionar e propor uma pesquisa que desse voz a aspectos menos valorados segundo a ciência tradicional, que enfatiza aspectos econômicos e produtivistas de assentamentos de Reforma Agrária.

As questões mais intrínsecas, percebidas nas entrelinhas: o conhecimento tradicional, as técnicas corporais os gestos e saberes não oficiais chamavam maior atenção, dentre todos os aspectos simbólicos estudados. Informações riquíssimas que se impunham aos olhos de um pesquisador iniciante como um banquete de cores e sabores em pleno deserto.

As possibilidades construídas nessa trajetória ofereceram a oportunidade de trabalhar com metodologias fundamentais para afirmações do olhar multidisciplinar através de uma “visão poliocular” (MORIN, 2007). Para Whitaker (2009), as dificuldades de se reconhecer a importância do rural e da produção de alimentos estão no aspecto em que o urbano exerce um poder sobre o rural. Essa estrutura histórica, que data da Renascença, produziu uma enorme quantidade de preconceitos que foram atuando como obstáculos epistemológicos para compreensão do rural.

A exploração etnográfica, desse modo, passará a ser não apenas um trabalho de observação e registro, mas um envolvimento com a fala, a realidade e o momento em que se desenvolve a pesquisa. Processar-se-á com a conjunção entre o escutar e o registrar de forma a superar conceitos pré-estabelecidos anteriormente, pois a concordância do entrevistador com o entrevistado permitirá um adentramento, mesmo que instantâneo, à realidade local, possibilitando uma riqueza de detalhes e a compreensão de razões e motivações locais.

Para Geertz (1997), a Antropologia, ao balizar-se no trabalho etnográfico tem algo de imaginário, não necessariamente tornando-a um romance ou literatura. Ao propor tal afirmativa, pretende salientar que a antropologia se constrói via interpretações dos antropólogos, para dar as explicações sobre os nativos; já que a etnografia parte das anotações daquele que observa e decodifica a realidade de um grupo. Devido a isso, o autor propõe a necessidade de uma hermenêutica. Esta proposição parece tomar sentido ao encaminhar o pesquisador segundo as hipóteses destacadas por Ferrante e Whitaker (2004), o pesquisador ao mesmo tempo em que se desloca, sente-se parte do outro, realiza seu trabalho de campo e descreve suas sensações passando a minimizar a ficção, elaborando uma realidade detalhada e próxima do pesquisado.

Mafessoli (1985), ao admitir a saturação dos grandes sistemas de interpretação que restringem o objeto de investigação ao político e ao econômico, está propondo uma nova forma de análise voltada a aspectos contrários desta visão economicista e política, ligados mais ao que a ciência tradicional tem designada como o “lado da sombra” social. Para ele, devem ser levadas em consideração as múltiplas e minúsculas situações e práticas da vida cotidiana, que enfatizem uma compreensão poético-científica da realidade, que são apenas observadas através da utilização dos elementos de tipos de pesquisa empírica (TEIXEIRA, 1990). Para a realização específica do trabalho de campo desta pesquisa, o principal método foi justamente o descritivo, no intuito de mapear para documentar e compreender a importância dos saberes presentes no cotidiano, que fazem sentido e parte da rotina do grupo, mas que se encontram fora da oficialidade. A escolha pelo estudo de tais aspectos associa-se à compreensão de Mafessoli (1985) da importância do cotidiano para a construção da ciência. Para ele, a vida cotidiana se compõe de microatitudes, de criações minúsculas, de situações pontuais e totalmente efêmeras, é *stricto sensu*, tramas constituídas e ligações minúsculas tecidas, sendo que cada fio individualmente é insignificante, “mas é justamente nesta insignificância que se constitui a força e se garante a permanência da vida cotidiana” (TEIXEIRA, 1990, p. 103).

Além disso, outros aspectos importantes do cotidiano, segundo Mafessoli (1985), são a concretude, os aspectos gestuais, as formas e o simbólico. As representações não devem ser consideradas como aspectos secundários e residuais da sociedade, mas sim como potencial social, já que é nessas representações que encontramos a vida cotidiana em miniatura. “Em suma, o que Mafessoli propõe é que a partir de uma pluralidade de abordagens, relativize-se a verdade científica, valorizando-se, assim, as verdades locais e pontuais” (TEIXEIRA, 1990, p.107).

Com o objetivo de fazer um levantamento etnográfico-teórico dos saberes não oficiais, tomamos ainda, como referência metodológica, a concepção dos modos de vida como mote de análise na situação de assentamento de Reforma Agrária.

Os espaços, os lugares e os saberes no assentamento

Essa composição do novo modo de vida ocorre justamente porque o espaço do assentamento vai, aos poucos, tornando-se lugar de morada e vivência. Isso ocorre porque, no ambiente dos assentamentos, os camponeses sem-terra passam por um processo de reterritorialização, que acontece “ao iniciar uma trajetória de reconstituição

de suas vidas, a partir do lote, em terras desconhecidas e, portanto, sem significação prática, simbólica ou afetiva, até então” (MARTINS, 2009, p. 24).

Assim, percebemos que a chegada à terra conquistada é parte de um processo cheio de rupturas e descontinuidades, e as convicções dos que chegam, seus conhecimentos e saberes passam a ser replanejados e resgatados nesse novo ambiente. Quando esses indivíduos passam pelo processo de sair de suas origens e chegar a um novo lugar, causa uma sensação de contínuo de deslocamento pode ser chamada de desterritorialização dos processos simbólicos, já que resulta no encontro com uma nova realidade, o que exige, por parte dos assentados, uma ressignificação e reconstrução dos seus modos de vida.

É importante destacar que o conceito de desterritorialização entendido nesta pesquisa parte da idéia de territorialização que está além das características geofísicas e que considera as perspectivas simbólicas criadas a partir dos vínculos afetivos que os indivíduos estabelecem com o lugar (SILVA, 2001 apud MARTINS, 2009).

Martins (2009) em sua tese de dissertação *Lugar da Morada* apresenta uma discussão bastante pertinente sobre territorialização. A autora discute a compreensão da noção de território a partir de Haesbaert (2004). Nesse diálogo propõe que a compreensão do conceito, relacionando-se com as esferas de poder, não apenas no sentido de dominação, mas também no sentido simbólico de apropriação. Propõe, então, que o uso do mesmo associa-se a espacialização das esferas de poder que são carregadas de significações. E essa espacialização, por sua vez, ocorre em várias esferas desde a escala nacional, até a escala privada, nas quais as relações de dominação entre homens e mulheres ocorrem.

Para ela, ainda que Haesbaert defenda que no território o processo de apropriação deva sobressair-se sobre a dominação do espaço, para se trabalhar sob uma perspectiva que dialogue com assentamentos rurais, a ênfase deve ser dada aos aspectos simbólicos representados na apropriação do espaço (MARTINS, 2009).

É justamente nesse sentido que a percepção do espaço é fundamental, já que o mesmo se constitui, na medida em que as terras conquistadas pelos assentados vão se constituindo, como espaço do lote, quando, então, passa a ser estabelecido uma relação afetiva com o lugar.

Essa afetividade é o que transforma o espaço em lugar: “essa relação afetiva foi chamada pelo autor de *topofilia*, um neologismo criado pelo autor que inclui todos os elos afetivos dos seres humanos com o ambiente físico, ou lugar” (TUAN 1980, apud

MARTINS, 2006, p.25). O que significa dizer que o lugar se constitui a partir da construção das relações afetivas que os assentados vão tecendo ao longo da vivência, do cotidiano, das relações sociais no assentamento. Os conceitos de espaço e lugar são antagônicos, justamente porque o espaço remete a algo mais abstrato, enquanto que o lugar a algo mais palpável, íntimo e carregado de sentimentos: “na expressão de TUAN o lugar é como o lar, permeado de valores familiares imbricados entre si, referindo-se ao mundo vivido. É o que faz sentir-se em casa” (MARTINS, 2006, p.26).

Nessa perspectiva Martins (2009) completa a ideia enfatizando que o espaço torna-se lugar no curso da vida, ou mundo vivido no cenário do cotidiano. É justamente nesse cenário do cotidiano que as relações lúdicas e afetivas parecem e deixam-se realizar. O lugar se constitui de fato, quando os assentados atribuem relações simbólicas e lembranças a ele. E os saberes podem ser captados a partir de atos de trocas que acontecem mediante a composição do lugar do assentamento.

Por esse motivo que o assentamento é privilegiado para o estudo do patrimônio imaterial, já que as trajetórias e os modos de vida das famílias do Bela Vista foram se reconstituindo a partir de um novo território, com uma carga de saberes, fazeres e técnicas que já eram carregados de história de diferentes partes do Brasil e que se encontraram neste ambiente num processo de hibridismo e resgate.

No caso do Assentamento Bela Vista, muitas das famílias assentadas já haviam trabalhado ou morado na antiga fazenda. E as outras que chegaram incorporaram e ressignificaram a história local, tomando-se como parte integrante daquele espaço que, aos poucos, passou a ser chamado de lugar do assentamento.

Assim, temos um grupo que se origina da região de Promissão e Vale do Paraíba, e outro oriundo de diferentes regiões do país, em especial, do sul-Paraná e do nordeste-Bahia. Eles trouxeram uma bagagem cultural de saberes e técnicas que foram sendo trocadas e ressignificadas pelo grupo que, aos poucos, se tornou um todo coeso e conflitante ao mesmo tempo. Que fizeram do assentamento Bela Vista do Chibarro um espaço repleto de lugares de afetividade, simbologia e memória. Sentido esse, que, priorizamos neste estudo voltado à patrimonialidade imaterial.

Nesse sentido, teremos como mote de fundo para realizar a discussão dos saberes não oficiais os lugares carregados de memórias e de saberes — a casa, o lote e a rua — que como mostrado anteriormente, são aspectos tão pouco valorizados pela produção voltada aos assentamentos de Reforma Agrária.

Enfocaremos assim, o espaço da rua como o lugar de transferência dos saberes lúdicos que acontecem quando há troca afetiva de aspectos da memória social. Aqui serão levantados os mitos, as lendas e os causos que dão o tom da leveza e criatividade às ações cotidianas tantas vezes duras e difíceis de serem vividas. Todos esses espaços-lugares fazem da patrimonialidade imaterial um bem riquíssimo a ser ressignificado pelos participantes. Por isso, este trabalho pretende analisar sob um prisma crítico e de valorização a etnografia desses saberes culturais tradicionais.

Reflexões sobre a cultura popular

Ao propor uma análise e etnografia dos saberes não oficiais, é necessário, antes de tudo, pensar a respeito da cultura popular tradicional. Seguimos uma concepção de que a necessidade de fazer o levantamento etnográfico dos saberes não oficiais faz parte do que o IPHAN tem designado como patrimônio imaterial. Integramos ainda a essa ideia a concepção de que os conhecimentos costumeiros, aqui estudados, não podem ser considerados tradicionais puros, autênticos, mas informações que são marginalizadas pelo conhecimento oficial por serem fortemente ligadas à tradição e que constantemente se ressignificam num todo híbrido de modalidades sociais e étnicas que constantemente se renovam.

Além disso, consideramos que esses saberes são e devem ser dinâmicos, para terem sentido para as novas gerações, e, que, é por meio da valorização desse patrimônio, nos ambientes coletivos e de aprendizagem, que os mesmos podem ser renovados e conservados.

Sendo assim, ao estudarmos tais aspectos é importante salientar que a cultura em seu conceito mais amplo, em oposição à natureza, tem um enfoque na equiparação de todas as culturas, no entanto, essa ideia não permite refletir sobre elementos capazes de verificar as desigualdades existentes entre elas e, ainda, agrega sob o mesmo conceito todas as instâncias e modelos de comportamento de uma sociedade.

Por esses motivos, que ao discutir as questões relativas à cultura, não pretendemos tratar das diferenças ou das classificações dos termos: cultura hegemônica, de massa ou popular, já que tal discussão foi exaustivamente contemplada pela academia e em diferentes linhas de pesquisa. Centrar-nos-emos na discussão e conceituação de cultura popular em bases teóricas que acreditamos serem mais adequadas para alicerçar esta dissertação.

Assim, a cultura popular não pode ser entendida apenas como “expressão” da personalidade de um povo, justamente porque tal personalidade não existe como uma

entidade, mas como um produto da integração das relações sociais. Nem, tão pouco, como um conjunto de tradições ou essências, preservadas de modo puro.

De tal modo, é possível verificar que a cultura surge a partir das condições materiais de vida e, nas classes populares, as manifestações, as crenças, as festas estão intimamente ligadas ao cotidiano e ao trabalho diário ao qual se entregam quase todo momento.

Podemos dizer, então, que, para Canclini (1982), “as culturas populares” passa a ser um termo mais adequado de uso, justamente, pelo fato de que a cultura popular se constitui por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais seja de “uma nação ou etnia por parte de seus setores subalternos”, que adquirem uma compreensão, reprodução e transformação do simbólico ou real das condições gerais ou específicas do trabalho e da própria vida. Esta especificidade está no fato de que a cultura popular associa-se à apropriação daquilo que a sociedade possui e nas formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica das relações sociais.

Em outras palavras ele afirma que “as culturas populares são resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, que realizam uma elaboração específica das suas condições de vida através de uma interação conflitiva com setores hegemônicos” (1982, p.44).

A concepção acima diferencia-se de uma visão tradicional e romântica da cultura popular como sendo “sede autêntica”, da essência, do que é próprio e típico de uma nação. É necessário destacar que na América Latina esse ideário manteve-se durante muito tempo no discurso político de nacionalistas e folcloristas, porque havia uma concepção de povo como lugar, no qual estaria conservada a genética biológica de cada raça, a devoção pela terra, a religião e crenças ancestrais.

Dessa forma, uma questão decisiva para se compreender as culturas populares, sem cair em equívocos, consiste em entendê-las através de sua conexão com os conflitos de classe e com as condições de exploração sob as quais esses setores produzem e consomem dentro do Capitalismo.

Portanto, estudar os saberes tradicionais, transmitidos oralmente, que permeiam as margens dos saberes científicos, não significa entendê-los como ideais ou puros, mas entendê-los advindos de uma situação conflitiva e mutante das classes sociais.

Em relação a esse ponto, Londres (2001) acrescenta que o saber e a cultura são históricos e complexos e muitas vezes integram em um único processo oralidade e escrita, trabalho e lazer, comunitarismo/autoria coletiva e heterogeneidade social/autoria

individual, cidade e campo; sagrado e profano, solidariedade orgânica e mecânica, circuitos de troca menos ou mais monetarizados e profissionalizantes.

É por isso que, no assentamento, apesar de todas as diferenças étnicas, etárias e sociais podemos identificar os mitos, lendas, crenças, usos e costumes ultrapassando os diferentes segmentos.

Nesse sentido, propor uma etnografia dos saberes não oficiais ao mesmo tempo em que permite levantar um inventário do patrimônio imaterial dos assentamentos permite fazer uma análise profunda do cotidiano, das relações de troca/reciprocidade, bem como dos conflitos da própria sociedade.

O lugar da rua: As lendas, os mitos e os causos

Ao falar do lugar da rua, não podemos deixar de pensar o quanto os saberes não oficiais são transmitidos e ressignificados nele. A transferência desse conhecimento aqui apenas ocorre pelo processo de identificação e ludicidade dado nas relações de sociabilidade. Ninguém ganha nada nesse processo de contagem de causos, mitos ou lendas. O que está em jogo, de fato, é a vontade de compartilhar e o sentimento de bem-estar, não individual, mas coletivo (SIMMEL, 1997). E este sentimento é algo indispensável para que o processo de transferência da patrimonialidade continue tendo sentido e fazendo parte dos significados do cotidiano. Em grande parte dessas narrativas, encontramos o fantástico, mas outras nos remetem a registros de tempos históricos que a memória presenciou. Muitas vezes acontecimentos dolorosos, em outras, sentimentos de alegria que contam muito da trajetória e dos modos de vida desses indivíduos.

Além disso, o processo de transferência desses saberes ou narrativas orais, que fazem parte do imaginário social, tem uma força tamanha, capaz de criar símbolos coletivos que podem parecer irracionais, mas para quem vive naquela realidade faz todo o sentido. Para Laplantine e Trindade (1996), o imaginário não significa ausência da razão, mas apenas exclusão de raciocínios comprováveis e plausíveis, os quais estão estabelecidos no pensamento científico. Ele é um processo cognitivo, nos quais os sentimentos de afetividade e ludicidade estão inseridos, traduzindo uma maneira específica de entender o mundo e conceber o real.

Esse imaginário associa-se ao real e não à realidade, já que esta última consiste apenas em coisas, na natureza, enquanto o real é a interpretação e representação que o homem atribui justamente a isto tudo. “Seria, portanto, a participação ou a intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade,

atribuindo-lhe significados” (LAPLANTINE e TRINDADE, 1996, p.28). Isto promove, na memória, um processo de identificação com a realidade, e, muitas vezes, ameniza o processo árduo do cotidiano, dando certa leveza às relações coletivas.

São, muitas vezes, descrições do real, daquilo que outro viu ou presenciou, mas que se tornam narrativas coletivas para se explicar o que não é possível esclarecer. A fantasia não apenas supera as representações sistematizadas pela sociedade, mas também traz uma outra realidade para adequação das normas e regras dessas coisas e acontecimentos que são interpretados. Esta interpretação fantástica não deixa de ser real, justamente porque não se trata de uma ilusão ou loucura, mas, de uma outra forma de conceber, entender, distinguir e representar a realidade. “Possui uma lógica própria compartilhada pela coletividade, que desafia a descrença na existência de seres extraordinários e nas experiências insólitas” (LAPLANTINE e TRINDADE, 1996, p.28). Por isso que as lendas, os mitos e os causos contam tanto na memória e nos saberes dos indivíduos. Trata-se de parte de um patrimônio imaterial cultural que permeia o imaginário das pessoas, já que é através dele que o homem procura explicar aquilo que vê, mas não sabe. Por trazer aspectos tão lúdicos e parte do fantástico presente na memória, são facilmente lembrados pelas pessoas mais idosas.

Em entrevista com um idoso do assentamento, ao sentir-se a vontade e despojado na conversa, foi logo apresentando uma história, um causo, uma narrativa, em que a fantasia do real está presente, mas que revela a diferenciação entre os segmentos sociais:

Deixa eu contar pra vocês uma causo que aconteceu com um cara. O que é a sabedoria o que é a coisa. Num dia de quarta-feira, eu tive necessidade tomei o trem da central às quatro horas da tarde e fui visitar minha irmã. Cheguei na vila Natan, desembarquei na cidade, depois que visitei minha irmã fui na casa de um coronel, um velho meu conhecido por nome de Pedro Miguel, eu saí para passear precisando jantar, me hospedei no hotel. No hotel se encontrava um operário hospedado, se não me engano, seu nome era Batista Salgado. Foi chegando um cidadão com uma bolsa na mão e com dois embrulhos de lado, nesta mesma ocasião eu ouvi ele dizer: sois operário ou ladrão? Juro que fui roubado nessa hora agora, e por isso nessa hora começou a discussão. Perguntou o doutor ao operário, doutor se você não é bêbado com certeza não é covarde e disse o doutor ao operário você é um operário ordinário. Operário ordinário eu não sou doutor, se eu você o senhor tinha me respeitado enquanto o senhor não tivesse sido no colégio formado. Quem é burro é assim, vive comendo capim não precisava estudar. Um dia um operário foi no meu palacete roubou um relógio fino do bolso do meu colete. E eu mandei meu empregado tão ansioso danado dar nesse moço um

cacete. Seu delegado falou que te roubou doutor fez muito bem empregado porque o senhor comprou esse relógio fiado, que rouba de ladrão de cem anos de perdão, não tem forma de duvidar, né? Será que foi por descuido doutor que o senhor teve na lua, que eu tenho visto muito doutor termina varrendo rua... Quem varre rua é você, sujeito afoito e bandido, se você for ao Recife, se vá prevenido, lá seu delegado derruba um suor danado e deixa com o coro ardido. Agora eu sei que o senhor é um sujeito muito rico, pois vive no Recife, mas, aqui nesse sertão meu amigo quem tem muito valor é o rico! Se, se meter a valentão vou lhe dar uma lição e depois eu faço um bife. Todo mundo admirou, começou aquela atrofia, todo mundo já sabia que o doutor era ilustrado, o operário coitado sem ter rumo se perdia. Mas a sabedoria minha dona, qualquer mortal pode ter, não é roupa que anda que se declara o saber. É na nossa assinatura representa a criatura no momento de nascer. Doutor pra que orgulho, nossa matéria é carniça, nossa vida um embrulho, tudo que é vivo no mundo transforma em segundo sempre termina embaixo do muro. Quem é que morreu bonito? A Senhora já sabe de alguém que morreu bonito no mundo? Olha agora que fazer essas coisas comigo? Não, porque dinheiro a gente não leva, do mundo a gente não leva nada! Queria falar com vocês até o romper do dia, queria mostrar pra vocês a minha sabedoria, não vou dizer, pois isso é vantagem! (GOMES, 2010. Entrevista com G.).

O caso dito por este assentado lembra uma narrativa de cordel ou uma poesia, algum entendido poderia encaixá-lo em uma harmonia musical e tocá-lo no violão.

Em outro caso, contado por um dos entrevistados, é possível verificar como pode se brincar com os aspectos ruins das pessoas, transformando a realidade dura e árdua em narrativas leves e lúdicas. Ao falar da questão do alcoolismo, o narrador apresenta o problema em forma de caso:

Você já escutou o caso daquele que bebe? O indivíduo toma uma e conhece todo mundo, todo mundo é conhecido dele, todo mundo é conhecido... Aí você vai ver no que vai dar. A segunda é que ele é valentão. Não tem quem possa com ele, tomou uma já virou valente. Ele vai querer brigar com todo mundo ele leva nas costas, pra mim não tem dó. A terceira é espírito de riqueza. Ele é rico, ninguém conhece ele, lá onde ele mora ele é o bom, porque ele tem isso, ele tem aquilo e às vezes nem tem. E a quarta, meu prezado irmão, ele vira espírito de porco. Ele tá todo bonitinho, todo arrumadinho, tomou, embriagou, ele entortou e entrou na lama! (GOMES, 2010. Entrevista com F.).

Nas narrativas podemos perceber o quanto a lógica do lúdico e maravilhoso está presente. Parece desdobrar-se na lógica de um jogo, que também se depara nos mitos e nas lendas. Mas, é um jogo que está longe das competições cotidianas. As regras ligam-

se ao maravilhoso do passado das origens, podendo os indivíduos expor-se ou despir-se de heróis ou deuses, narrando-se golpes e lances (CERTAU, 1994). Nessas histórias, frequentemente invertem-se as relações de força, os feitos, as astúcias, os trocadilhos e aliterações tornam-se museus vivos e marcos da aprendizagem do coletivo.

Nos exemplos retirados dessas entrevistas, é possível verificar o quanto a ideia de jogo, da diversão e do lúdico, aparecem nas lendas contadas no assentamento.

Em entrevista com um casal de idosos, foi possível entender como as lendas são contadas. O senhor que dá o depoimento, quando moço, trabalhou na sede da fazenda Bela Vista. Ele conta que, desde aquela época, muitas coisas estranhas aconteciam. A esposa dele incentivou a contagem das histórias:

Entrevistadora: O pessoal conta lenda, história aqui do casarão?

Senhora: Ele sabe do casarão... O casarão, quando você ficava com os meninos...

Entrevistadora: Seu Antonio, o pessoal conta história...

Senhor: Aquele lá, quando tiraram e depois levaram embora...

Senhora: Tô falando que tinha assombração, que escutava o barulho da corrente... ele ficava com as crianças, porque o patrão, a patroa ia assistir cinema na cidade, então ele ficava até na madrugada com as crianças lá. Ele falava que escutava que tinha muito...

Senhor: Esse casarão tem muita tora ali pra segurar o prédio, no meio tem duas vigas assim... do casarão...quando começava a dar meia-noite, uma hora, começava a corrida dos porcos e corria pra cá e corria pra lá... eles escutavam que tinha fantasma que corria atrás dos porcos. Aquele tropé, aquela corrida de porco que corria e se enfiava debaixo das palhadas que tinham no mangueirão, mas ele dizia que parecia que mexia. Então eles ficavam... ia lá fora, olhava... uma vez eu olhei e não tinha ninguém. Quando entrava pra dentro e fechava as portas, começava de novo. Porque era ali, que eles matavam os escravos... eu não sei se não tem ainda (...) depois que começou a acabar a fazenda, o patrão foi embora, e eu vinha aqui fazer compras e eu fui lá no casarão ver. Tinha aquelas argolonas onde amarrava escravo e aquelas pulseira que eles “punhava” nos escravos, aquela cela, que nem animal e amarrava naquelas argolas, grossa assim. Mas aí nunca mais eu entrei, porque ficou escuro né. Amarrava os escravos tudinho assim, porque o salão lá embaixo é grande. Matavam eles, enterrava. E lá no alto começaram a plantar cana e não dava e não dava cana... aí começaram a cavoucar e acharam osso, fizeram um cemitério lá. Achava até cabeça... (GOMES, 2010. Entrevista com A. e M.).

Podemos perceber que o fantasioso e a memória coletiva estão presentes nas falas dos assentados, a tentativa de explicar aqueles acontecimentos na escuridão, quando não havia luz, apenas a lamparina, em forma de lendas de fantasmas. Associa a história da escravidão, de uma realidade difícil, aos aspectos leves da narrativa

fantástica, como um mecanismo de permanência da memória coletiva. Como apontado por Meneses (2009), a memória é um processo que, mesmo subjetivo, depende de suportes objetivos para ser resgatada e recuperada. E os aspectos históricos são elementos fundantes dessa permanência. Após introduzir a situação do casarão, ao serem indagados sobre as lendas de fantasmas, o casal responde:

Entrevistadora: Mas e as lendas? Tem alguma lenda que o pessoal conta aqui do Bela Vista?

Senhora: Daqui eles falavam esse negócio da corrente que aparecia, uma assombração que eles falavam que era fantasma né... aqui era uma carreira de eucalipto pra lá e prá cá...

Senhor: Naquele tempo corria os bois, tarde da noite.

Senhora: Eles falavam, porque ele não acreditam né... mas o outro falava que não via nada... depois que via...

Senhor: Era tudo assombração...

Senhora: ali em frente do casarão, onde tinha uns “calipitão”, os boi não corria porque dizia que tinha fantasma...

Senhor: Aqui chama estradão...

Senhora: Ele dizia que no estradão tinha fantasma... que era um cachorrinho assim, aí esse cachorrinho ia crescendo, crescendo, virava aquele monstro e quando via, corria e dizia: vimos fantasma... e era de sexta-feira...

Entrevistadora: De sexta-feira ainda?

Senhora: Depois saiu o negócio de lobisomem... tinha um lá embaixo, que eles falavam que era lobisomem, porque eles conheciam por aqui (mostra o cotovelo), tinha aquela casca, porque o lobisomem, quando vira lobisomem, é por aqui né (mostra que pelo cotovelo que ele anda)... e a orelhona dele bate, de longe escuta plá, plá, plá, ainda a noite no escuro, não tinha luz, não tinha nada, só lamparina... ele subia, descia, aí desconfiaram que era esse Tiquinho foi um dos escravos, era um velhinho, pretinho, que falava que era o lobisomem.

Entrevistadora: E ele morava aqui?

Senhora: Morava... morava lá na beira da represa... tinha a colônia e todo mundo ficava sondando se ele virava, e diz que virava mesmo! (GOMES, 2010. Entrevista com A. e M.).

Em outra entrevista, uma assentada, moradora antiga do assentamento, conta também a história da presença do lobisomem no início, quando ainda não havia luz elétrica:

Entrevistadora: Tem alguma história que o pessoal conta aqui do assentamento, de lenda, de “causo”, que o pessoal contava de como era aqui no começo do assentamento? A senhora lembra-se de alguma que o pessoal contava?

R: De assombração? Tinha!

Entrevistadora: Qual era a história que o pessoal contava?

R: Que era assombrado...

Entrevistadora: É mesmo? A senhora já presenciou alguma assombração?

R: Já...

Entrevistadora: Ah, não acredito, conta pra mim como é que foi...

R: Tinha um bicho aqui que andava que chamava cavaleiro, né! Só escutava (faz um barulho com a boca) andando por aí tudo... e o pessoal gritava: auauauau! E o bicho ficava doido todo mundo tinha medo desse cavaleiro, vixe! Tinha um irmão de igreja, ele vinha da roça, a roça dele era lá em cima ele ficou lá até mais tarde e um dia ele disse eu vou atrás desse homem...

Entrevistadora: o amigo da senhora falou que ia atrás dele?

R: Ele foi.... mas, não voltou cedo, foi carpir e gostou, ficou lá até 11 horas da noite! E quando ele estava volta viu o negócio e saiu gritando (imita o grito)!

Entrevistadora: Mas ele viu então?

R: Viu, berrando urrando, largou chinelo lá, chegou em casa todo mijado de tanto medo.

Entrevistadora: Quem é esse moço aí?

R: Ah, ele morreu.

(..).

Entrevistadora: Ele escutou então?

R: Escutou, ele desmaiou, coitado... a casa dele é ali embaixo, saiu correndo, corre, corre, cadê, cadê, é ladrão, mas não era ladrão, era assombração. Chegou a mijar na calça de tanto medo, perdeu chinelo, ali no escuro, o povo tinha medo mesmo. Tinha assombração aqui... (GOMES, 2010. Entrevista com R.).

Nas falas desses assentados, é possível verificar como a presença da memória de fatos históricos ou fantásticos do real é significativa. A lenda do lobisomem é universal, que em cada parte do mundo se regionaliza. No folclore brasileiro tem um significado especial para as pessoas mais velhas, moradoras das áreas rurais, pois acreditam que a figura do lobisomem é a de um monstro que mistura formas humanas e de cão ou lobo. Geralmente, ele aparece durante a noite de terça ou sexta-feira, após a primeira transformação passa a visitar encruzilhadas, pátios de igrejas e vilas rurais. Nos lugares por onde passa, chicoteia os cachorros, desliga as luzes e uiva de forma assombrosa. E quando o dia está amanhecendo, ele volta à forma humana. Segundo as crenças, para acabar com a forma de lobisomem é preciso que se bata bem forte em sua cabeça ou com um reio.

A entrevistada que confirmou ter visto o lobisomem oferece a descrição, os cuidados do que pode ou não ser feito no encontro com ele:

Entrevistadora: A senhora viu então o lobisomem?

R: Vi...

Entrevistadora: E como que ele é?

R: É um bicho preto que nem um cachorro, peludo, ele é peludo.
Entrevistadora: E como é que é? Daqui pra baixo ele é cachorro?
R: Que nem um cachorro. Aí ele vai levantando devagar, vai erguendo, erguendo e fica grande que nem um homem. Ele vem na gente. Para matar, tem que ser uma menina pega o facão e mete faca.
Entrevistadora: E tudo à noite isso?
R: À noite! À noite se pode perguntar a ele que ele lhe fala. Meu marido viu ele também.
Entrevistadora: Ele também viu você?
R: Aí ele gritou corre pra dentro que tem um bicho aqui. Ele estava naquela calçadinha, sentado ali. Ele correu com um pau e cachorro para cima do lobisomem.
Entrevistadora: ele estava sentado aqui?
R: Tava naquela calçada ali... sentado no chão e aí ficou com medo... e nós corremos, tocamos pra dentro naquela mata lá, toca o cachorro, porque ele vê o cachorro, ele corre, porque ele tem medo de cachorro né. Porque o lobisomem é um homem mau, é uma pessoa que nem nós, mas faz oração ruim, e vira esse bicho. É gente. Lobisomem não é bicho. Sabe, é tão danado que não pode dar nem uma furada num lobisomem. (GOMES, 2010. Entrevista com R.).

Ao continuar sua argumentação sobre os perigos de se encontrar um lobisomem, a entrevistada diz que é muito importante se fazer o procedimento correto para que ele vá embora. Porque o perigo está em se tornar gente, marcar a pessoa. Se isso ocorrer, ele pode voltar e matar quem o açoitou, ou até mesmo ir a uma delegacia e fazer queixa contra o agressor. Em sua narrativa, a justificativa passa ora pelo fantástico ora pela realidade:

Entrevistadora: Ah é, por quê?
R: Porque aí ele vira homem, vira gente e depois vem matar a gente. Ninguém olha pra cara do lobisomem, pega ele de reio.
Entrevistadora: E como que faz pra...
R: Pega ele de reio... aqueles que estrala. Bate nele e ele vai embora, dá uma, dá duas. Porque se dá uma com força e dá a segunda, ele não corre na gente. Na segunda puxa o reio, fica doída, ele sente aquela dor e vai embora.
Entrevistadora: Ah é? Por quê?
R: Porque ele é gente... marca a gente. Ele pode ir na delegacia e dar parte que a pessoa furou ele, que deu facada. Se é um conhecido da gente tem que pegar ele de vara, ele corre.
Entrevistadora: E não dá pra saber quem é o lobisomem quando dá a varada, quando machuca?
R: Pode bater o reio, pode ficar o sinal, mas ele não volta não... ele não volta na casa da pessoa ele bate a orelha, uma orelhona grande. Meu marido pegou uma vara grande, uma vara verde dessa, deu duas varadas nas costas dele. Ele foi e não volta mais não. Não tem lobisomem que volta na casa de ninguém. Mas eu tenho medo, de lobisomem eu tenho medo. (GOMES, 2010. Entrevista com R.).

É preciso que a pessoa que presencie a figura deste homem-cachorro não tenha contato com a baba dele, pois isso pode levar à loucura:

R: A gente tem medo, mas tem que mostrar a ele que tem coragem. Pois se a baba dele pegar na gente, a gente fica doente.

Entrevistadora: É? Fica doente do que?

R: Dá bobeira, dá ataque cardíaco, dá...

Entrevistadora: Fica doido?

R: Fica doido... nós temos um amigo, agora ele virou crente, foi pra igreja. O lobisomem tava no pé dele, no caminho, meia noite, o lobisomem pegou ele no caminho, ele relou na baba do lobisomem, pegou ele de mão...

Entrevistadora: Pegou ele de mão? Como assim?

R: Pegou o lobisomem na mão, o lobisomem veio em cima dele e invés dele pegar uma pedra e gritar, ele pegou o lobisomem com a mão e lutou, entrou em luta corporal e o lobisomem espirrou aquela baba de boi nele, lambeu e ele ficou bobo, até hoje ele tá bobo.

Entrevistadora: Você tá brincando?

R: Ficou bobo, perdeu a fala, ele fala tudo enrolado (...) Ele não morreu não, mas ficou bobo, bobo. Enrolou a língua (GOMES, 2010. Entrevista com R.).

As lendas denotam uma explicação para o inexplicável, a partir do significado dado por estas pessoas ao real. Muitas vezes, a compreensão racional não é possível justamente porque a elucidação desses fenômenos é dada de forma muito pragmática e objetiva, pela ciência ou pela lógica moderna. Para a assentada, o ataque cardíaco e a bobeira na fala do indivíduo, foram resultados dos efeitos do contato com a saliva do lobisomem. No entanto, sabemos que alguns problemas de circulação podem acarretar lesões sérias no cérebro, o que resultam dificuldades no falar ou andar. Mas a justificativa fantástica para a bobeira deste sujeito, atacado pelo “monstro”, foi a relação direta.

Outra lenda típica do folclore brasileiro e também registrada nas entrevistas, foi a do saci. Esta lenda surgiu para entender, entre outras travessuras, porque os cavalos pela manhã eram encontrados com suas crinas todas trançadas. O significado dado foi a criação de um menino bagunceiro, que pregava peças. Na entrevista, essa constatação aparece:

Eles falavam que tinha saci também, que ele pegava o cavalo “muntava” nele e saía (faz um gesto indicando que ele corria com o cavalo) e no outro dia eles achavam a trança do cavalo, aquela crina, tudo trançada, porque ele trançavam tudo. “Sortava” o cavalo e a noite

inteira o saci brincava com a crina. (GOMES, 2010. Entrevista com M.).

Uma história lendária muito recorrente é a do “homem do saco”. Em muitos lugares ela está relacionada ao urbano, justamente por se tratar de um mendigo que sequestra crianças. Mas também foi registrada em caderno de campo, em uma visita no Bela Vista. Nesta lenda, o velho mau vestido carrega crianças desacompanhadas de seus pais. Em algumas versões, o homem do saco é substituído por um cigano já que a migração deste povo pelo mundo levou, durante a chegada deles à América no século XIX, a uma falsa ideia de que os mesmos eram ladrões, sequestradores ou perigosos. Nesta versão, no entanto, o homem do saco levaria as crianças indesejadas, por sua falta de educação, para serem transformadas em botões, sabonetes ou sabão. A descrição desse personagem foi realizada por um assentado:

“O senhor E. disse ter visto em uma noite de cerração por volta da 1 hora da manhã um barulho em frente a sua casa. Ao levantar-se caminha até a porta, ao abri-la vê um homem com roupas sujas e rasgadas e cabelos despenteados com um saco nas costas. Os cachorros latiam, segundo ele, o acompanharam com o olhar até que não o pudessem ver na estrada, foi então que ouviu um assobio tão alto que pôde ser ouvido nos quatro cantos da agrovila” (TEODORO, 2008. Diário de campo).

Os assentados, em dias de reuniões, para “jogar a conversa fora”, ainda passam a relembrar momentos e situações do cotidiano, histórias do acampamento, da luta, da dificuldade do novo. Como forma de celebração, eles contam essas lendas e causos, como forma de reavivar a memória e promover o fortalecimento de laços afetivos. Nessas rodas de conversa, o sentimento coletivo aflora e a sociabilidade vem à tona. A ludicidade nesses jogos de fala oral ocasiona como uma anestesia aos problemas diários. Em uma dessas reuniões, foi possível registrar duas lendas de assombro. A primeira da carroça pesada, carona na encruzilhada e a segunda da noiva de branco do casarão. Na primeira, e na segunda, o contador de histórias lendárias prepara-se chamando a atenção de todos, preparando a descrição do cenário como descrito em diário de campo:

Lá estava o senhor Z. preparando-se para contar a tal história assustadora, os pesquisadores e os assentados prestavam a atenção como se estivessem hipnotizados. Neste momento ele inicia a história: “a gente morava no Paraná em uma fazenda grande, cuidava eu mais eu, um dia estava lá eu e meu primo tomando uns gorós quando chega o moleque e diz pra gente correr para socorrer o velho que estava

batendo as botas, quando chegamos lá, o velho já tinha ido desta para melhor...rapaz! Aí vem a parte pior...eu meu primo tivemos que dar banho do velho! Começamos então o processo, eu e meu primo riamos de medo, mas o velho não gostou não, quando fomos colocar a camisa nele, e abaixamos o corpo dele ...o venho respondeu eh,eh! Foi um tal de começar a rezar e pedir pela amor de Deus, que só vendo! Mas o velho não queria ir para o cemitério. Ele estava tão pesado que a gente não conseguiu colocar ele no caminhão porque era muito alto, então, nós falamos para vamos colocar na carroça mesmo. Colocamos então o véio lá dentro e começamos a puxar os cavalos, neste momento os cavalos empacaram e não havia jeito de sair com a roda do buraco, aí foi quando todo mundo falou, vão respeitar o velho e fazer o enterro aqui mesmo! (GOMES, 2008. Registro de campo).

A reunião continuou, ainda com outra história de morte, assombro e espírito:

Eu já tava casado na época, morava perto de uma tia minha, mas naquele tempo era difícil ir para cidade para resolver as coisas. Um belo dia chega meu primo e diz que minha tia tinha batido as botas, a gente não tinha muito dinheiro, não dava para fazer velório em lugar alugado como é hoje, era a gente mesmo que enterrava. Neste dia mesmo, quando foi eu mais ele que fizemos o processo. Começamos a cavar o buraco e tava um frio lascado, aí ele disse pra mim: Vamos toma um negócio pra esquentar, pega a pinga. O problema é que não tinha onde colocar. Aí no meio daquele barro todo, encontrei um cocoruco (caixa craniana) de uma criança...daí eu falei, vai ser aqui mesmo! Dei uma lavada com a pinga botei lá dentro e eu mais primo terminamos o serviço. Rapaz! Mas o acontecido pior veio depois quando a gente tava voltando nós passamos em uma encruzilhada, tava cheia de serviço, aí o cavalo começa a refugar, nisso no meio daquela escuridão, vem uma velha e pede carona! Fiquei co medo lascado e disse: Olha minha senhora não é muito confortável mas se quiser pode subir. A velha sobe no cavalo, eu já tava inteirinho arrepiado, quando andei 3 metro com o cavalo a velha já não estava atrás de mim, fiquei com tanto medo que corri tanto com o cavalo que o bichinho quase não aguentou! (GOMES, 2008. Registro de campo)

A terceira lenda registrada na reunião, foi a do casarão. Lá pelas tantas das conversas, outro assentado se anima e diz:

Vocês já conhecem a história da noiva de branco? Aqui morava um homem muito rico, cheio da “bumfunfa”, ele tava de casamento marcado, preparando a festa, a noiva era bonitona. No dia do casamento estava lá naquele são de festa perto do terreiro os convidados, o noivo esperava a noiva descer para começar o casamento. Só que uma tragédia aconteceu! O salão pegou fogo e o noivo não conseguiu se salvar. Até hoje o povo vê a mulher vestida de noiva chorando pelo casarão. De vez em quando, o pessoal vê ela vagando ali no “calipitão” (GOMES, 2008. Registro de Campo).

Nessas histórias, percebemos o quanto a morte está presente no ideário popular. A vida e a morte são aspectos do imaginário universal, que estabelecem conexões diretas com o cotidiano, fazendo com que as pessoas tratem a dor e a felicidade da vida como algo natural.

Nas visitas de campo, foi registrada ainda uma lenda chamada Luz do bem. É uma história de amor entre um vigia e uma bela moradora local, que eram antigos moradores da Fazenda Tamoio. Contam os assentados que os dois se apaixonaram, mas as famílias não permitiram o namoro dos dois. Então, para encontrar com ela, ele fazia sinal com um farolete de cima de uma torre, ela, por sua vez, abria a janela e ficava a esperá-lo. Na voz dos entrevistados existem duas versões para a história. Alguns dizem que ela morreu e até hoje ele continua, em madrugadas escuras, a farolar para o assentamento em busca de sua amada. Já para outros, a versão é que o casal se casa e para perdurar este amor ele faz sinais de luz com o farol. Esta história representa, como plano de fundo, os romances clássicos, no qual o arquétipo do amor impossível é representado, assim como nas histórias de amor de Romeu e Julieta e de Tristão e Isolda.

Em outra entrevista, com um pioneiro de 92 anos, a atribuição de sentidos aos fenômenos naturais é revelada novamente. O idoso afirma ter visto, em uma noite clara de lua-cheia, uma bola de fogo sair da plantação de eucalipto, vir até a sua frente e depois desaparecer:

A bola de fogo saía daqui dessa baixada do lote e ia subindo lá no cruzeirão, quando ela subia dava aquele estouro... aí descia e caía atrás da mata dos eucalipto, eu andei vendo umas duas vezes, quando ia pro lote lá perto do cerradão (...) tudo a noite, depois da 7 ou 8 horas da noite. Então quando ela saía lá do meu lote e quando eu tava voltando eu sempre via (GOMES, 2007. Entrevista com P.).

A história contada pelo assentado é reafirmada em outras conversas no assentamento. Tal fato remete a uma concepção de algo sobrenatural, que faz parte do cotidiano daqueles que estão na vila ou no lote.

Esses saberes, ligados à rua, podem revelar ainda como os lugares geográficos do assentamento, onde as lembranças de um passado não tão distante de sofrimento, transformam-se em um real lúdico, com significados históricos. Em registro de campo, é possível verificar como o espaço do casarão ainda abriga histórias de escravidão que, de certa forma, pairam pelo imaginário dos indivíduos. Um exemplo bastante

interessante sobre o tema é uma história lendária de um túnel que ligava o porão do casarão, onde os escravos ficavam, ao terreiro do café:

Diz a lenda que o túnel era para os escravos passarem, e chegar até as plantações de café. Acrescentou ainda que muitas pessoas dizem conhecer o local, no entanto, nunca nenhum assentado entrou para saber aonde chega o túnel. No entanto, tal história serve de motivo para alguns homens e garotos se firmarem perante um discurso masculino de que fará o trajeto para descobrir onde fica, logo, completam: “mas assim que tiver tempo (GOMES, 2009. Registro de campo).

Em outras duas entrevistas, a escravidão aparece, com ênfase no sofrimento dos escravos, e os resultados deste sofrimento são as assombrações e fantasmas que não conseguiram se libertar do casarão, do terreiro e das casas dos colonos:

Senhora: Nesse tempo esse homem morava aqui e tinha (se remetendo ao capanga que trabalhava nas terras do Chibarro), ele veio da Bahia e quando chegou aqui era o tempo dos escravos. Eles ajudavam a judiar dos escravos. Ele sentava e ficava contando o que faziam com os escravos, precisava ver. Lá no Morro Azul tinha um sobrado também, dos escravos também. Tinha um salão igual esse aí. Um salão com aquelas argolas, aquelas correntes, precisava ver. Quando passava lá perto escutava chacoalhar lá dentro (GOMES, 2010. Entrevista com M.)

Uma assentada idosa relaciona o sofrimento dos escravos ao assombramento do casarão e de algumas partes do assentamento:

R: Esse lugar aqui foi muito assombrado. Nunca (?) aqui não, mas meus filhos mais velhos que trabalharam aqui... aqui nos tempos antigos tinha escravidão né...do casarão eu sei uma história. A turma que morava lá falava que via alguma coisa, que via do lado de fora, mas não chegou a atingir não né... morar muita gente morou ali, mas sempre se deram bem. Mas quem morou ali no casarão dizia que quando era de noite a gente tinha que cantar, orar lá dentro, para acalmar os espíritos dos escravos é o que foi correu dentro (GOMES, 2010. Entrevista com R.)

Todas essas histórias lendárias, transmitidas oralmente, explicam acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais que, para essas sociedades, se encontram mais na interpretação do real, e não da realidade. Há uma lógica nas relações dessas com os fatos e acontecimentos da realidade, como visto, a associação com os acontecimentos são facilmente percebidos em cada uma delas, o que é possível inclusive denotar a fatores históricos locais.

As relações entre fatos e lendas são feitas por meio de associação dos acontecimentos a símbolos. Por exemplo, se considerarmos que o símbolo da raposa liga-se a ideia de astúcia, o caso dela ser culturalmente determinada como um animal astuto constitui um símbolo. Esta convenção ou um atributo que esse animal adquire, é fornecido justamente pelos grupos culturais, que através de suas experiências vividas com este animal, especialmente os caçadores ao terem dificuldade em aprisioná-lo por sua presteza, artimanhas de suas fugas e esconderijos, logo passam a atribuir o significado de astúcia à raposa, em oposição a outros animais que não possuam essas propriedades. (LAPLANTINE e TRINDADE, 1996). São atribuições simbólicas, que para serem percebidas e para entender sua lógica, é necessário conhecer as narrativas e a história local, que constituem o patrimônio imaterial do assentamento.

Estudar este patrimônio nos revela situações e aspectos da memória muito particulares da cultura popular. A história se entrelaça aos significados dados ao real, que, muitas vezes, são fantásticos. Estudá-los nos permite emergir em uma realidade dura e áspera. Mas para ser lembrada de forma mais leve, transforma-se, em lúdico, em maravilhoso tudo aquilo que é dolorido (MENESES, 2009 e SIMMEL, 1997).

Considerações Finais

Ao concluir o presente trabalho, pretende-se resgatar as principais reflexões propostas ao longo do texto, para que se compreenda o tema desta pesquisa como um todo. Destacamos que o universo da patrimonialidade imaterial é um aspecto da cultura que merece sempre novas pesquisas, justamente pelo fato da memória ser infinitamente criativa e capaz de criar e recriar os saberes, os fazeres e as técnicas do cotidiano.

Trabalhamos sob uma perspectiva metodológica da sociologia rural, que se estabelece sobre o trabalho etnográfico da prática cotidiana ligada à experiência do mundo vivenciado, podendo assim identificar os modos de vida a partir da trajetória dos assentados.

Este trabalho, por sua vez, preocupou-se, sobretudo com aspectos cotidianos da memória, que se estabelecem nos saberes não oficiais, que a UNESCO considera como patrimônio imaterial ou intangível.

A partir dessa compreensão teórica, pudemos descrever o caminho da desvalorização e do alijamento dos saberes tradicionais. E esses conhecimentos, que eram, sobretudo, utilizados pelos grupos não letrados e rurais, aos poucos, foram sendo cooptados pelo Estado, com a finalidade de criação de uma nação. O processo de

letramento foi fundamental para que os saberes tradicionais passassem a ser os não oficiais e não científicos.

Para se produzir de fato a cultura, é preciso que todas essas informações sejam vividas no processo diário e que as gerações possam recriar, a partir de sua forma, o sentido para esses atos e informações.

Sendo assim, propusemos o trabalho de registro e apresentação dos lugares de ocorrência do patrimônio imaterial. Aqui, destacamos o conceito de lugar como sendo carregado de afetividade e simbologia. A rua foi o lugar que encontramos de forma mais clara os processos de socialização, tal como trabalhados na fundamentação teórica. A troca, por meio da contação de histórias lendárias, lendas de fantasmas e causos, aproximava os assentados de forma desinteressada a se juntarem e a trocarem sentimentos, através da ludicidade da palavra falada.

A trajetória deste trabalho foi resultado de anos de acompanhamento e envolvimento afetivo com as histórias e as pessoas locais. Foi parte de um interesse pessoal de valorizar o pouco valorizado desta gente que luta a todo momento. Luta para conquistar o lote, para receber crédito, para plantar, para colher, para estudar, para viver...

É uma tentativa de retribuir e indicar a riquezas existentes nos assentamentos de Reforma Agrária, de despertar o interesse de conhecer e querer ver a continuidade desta história. Os órgãos de valorização e fomento do patrimônio imaterial, para reconhecerem os saberes, as técnicas e as artes de fazer, exigem processos de registro e estudo prévios para dar a titulação a um grupo ou local.

Como desejamos que ocorra a valorização e reconhecimento da cultura local e do assentamento, para fomentar a prática dos conhecimentos estudados, este trabalho pode abrir caminho para outros, e, quem sabe, para uma ação efetiva de políticas públicas de conservação desse modo de vida tão especial.

Finalmente, acreditamos que este trabalho pode e deve ser discutido e melhorado em outras pesquisas, já que o universo cultural nos permite interpretá-lo e compreendê-lo sob muitos aspectos.

Referências

- BARBERO, Jesús Martín, *Dos Meios às Mediações comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 4ª ed., 2006.
- CANCLINI, Néstor García, *As culturas populares no capitalismo*. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

- CERTAU, M. *A invenção do Cotidiano: 1. A arte de fazer*. Tradução de Epharim Ferreira Alves, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1994.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOMES, T. P. de S. *De saberes a gestos: Uma etnografia de transmissão dos conhecimentos não oficiais no assentamento Bela Vista de Araraquara - SP*. In: IV Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais 2009, Campinas.
- _____. *Saberes, Memórias e Tradição: Estudo em Assentamentos de Reforma Agrária de Araraquara-SP*. In: XXVII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia, 2011, Recife.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- LAPLANTINE, F. e TRINDADE, L. *O que é imaginário*. Coleção Primeiros passos. Ed. Brasiliense, 1996.
- LONDRES, C. (org.) *Patrimônio Imaterial*. *Revista Tempo Brasileiro*. Org. Londres, Cecília. Out-Dez, n °147. pp. 69-78. Rio de Janeiro, 2001.
- MAFESSOLI, M. *La Connaissance ordinaire*, *Precis de sociologia comprehensive*. Paris, Librairie de Méridiens, 1985.
- MARTINS, V.S. *Lugar de Morada: a constituição do viver de famílias rurais no contexto de assentamento da Reforma Agrária*. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- MENESES, U. B. de. *Os paradoxos da Memória*. In: MIRANDA, D.S de (org.). *Memória e Cultura: a Importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.
- STRAUSS, L. C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Tempo brasileiro, 1976.
- TUAN, Y. F. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.
- WHITAKER, D.C.A. *Ideologia x cultura: como harmonizar dois conceitos tão antagônicos?* In: SOUZA, E.M.de M. (org.). *Teoria e prática nas Ciências Sociais*. Araraquara: UNESP-FCL, Laboratório Editorial. São Paulo: Cultura Acadêmica editora, 2003.